

SUCCESSÃO É COISA SÉRIA

(Especial para o "Correio do Povo")

24-12-54.

GUSTAVO CORÇÃO.

Escrevi dias atrás um artigo intitulado "De que se ri o candidato?" e inspirado num retrato do marechal Henrique Teixeira Lott que via multiplicado pelos postes, pelas palmeiras da rua Paisandú e pelos muros que têm visto outros candidatos, outros letrados, com aquela indiferença que vem de sua geometria e de sua essência. O muro é quase tão paciente quanto o papel, essa grande vítima dos homens.

O referido retrato do supramencionado Marechal apresentava uma fisionomia risonha, e calhava que a vi pela primeira vez num desses dias sombrios que ultimamente se têm multiplicado nos céus da República. Ia tudo mal no país, e o candidato à sucessão mostrava nos postes, nas palmeiras e nos muros um aberto riso azul claro... Era pois legítima a pergunta que pendurei no título do artigo em questão: "De que se ri o candidato?"

Ora, qual não foi o meu espanto, ontem, quando vi um outro retrato do mesmíssimo marechal candidato, ainda mais risonho, dizia até com o devido respeito, mais arreganhado! E qual não foi o meu estupor quando li, em baixo do cartaz, em baixo da divertida, da jocosa efígie, estes dizeres austeros: "Sucessão é coisa séria". Mas não pense o leitor ingênuo que tais dizeres estavam escritos com o carvão ou com o lapis do improviso. Não. Os dizeres — ou eu estou sujeito a alucinações — estão estampados com a mesma tinta, incorporados no mesmo clichê, identificados no mesmo cartaz. Por cima um Marechal às gargalhadas, por baixo a advertência da seriedade da sucessão. Confesso que não entendo mais nada.

Em compensação, o sr. Luiz Carlos Prestes entende tudo. Voltou da Rússia. Desceu dos céus moscovitas, onde foi buscar um reforço de infalibilidade, e mal pousado no chão de sua primitiva pátria tratou de convocar a imprensa. Foi essa a expressão que li no jornal, e não me pareceu que hou-

vesse alguma mostarda de ironia no contexto. Não. Os jornais parecem admitir que o sr. Prestes tenha o direito de convocar os jornalistas. E na verdade, dentro da filosofia vigente, parece que tem. O fato é que, convocados os jornalistas, Luiz Carlos Prestes dá corda em si mesmo e explica a história, a geografia e o que estiver pelo caminho. E termina a sua declaração dando um apoio à candidatura Lott, e fulminando a candidatura Jânio.

—oOo—

Será disto que antecipadamente se ria nas palmeiras e nos muros o marechal candidato? Meus amigos, o mundo anda tão esquisito que não me admiraria muito se Prestes acertasse nesse jogo do bicho eleitoral apostando no candidato Lott. Considerem a estranha casualidade, o concurso de ventos fortuitos que levou o general Lott ao Ministério da Guerra, e daí ao limiar da Presidência. Foi preciso que uma bala, na imprecisão de um cenário noturno, errasse o alvo e em vez de matar o jornalista incómodo fosse atingir um major da Aeronáutica. Contam que D. Alzira Vargas Amaral Peixoto ia subindo um elevador, de manhã, quando alguém chegou com a notícia: "Atiraram no Carlos Lacerda e mataram um oficial da Aeronáutica." Dona Alzira franze as sobrancelhas, e provavelmente subiu apreensiva e no mesmo elevador subiu este pensamento: "O que irá sair disto tudo". No dia seis de agosto de 1954 começou a trovada cívica. Dia a dia agravava-se o tempo e escurecia o céu. O que irá acontecer? perguntava certamente a gente de palácio quando via as nuvens do horizonte carregado. O Presidente sente o chão fugir sob os pés. Descobriram que o pistoleiro estava associado aos seus capangas. Vinha do próprio Cateite, do famoso Rasputine gaúcho, a ordem do tiro. Dia a dia adensavam-se as notícias, os boatos, os acontecimentos. O que sairá

disto tudo? perguntava certamente dona Alzira aos seus próprios botões ou aos de seu marido. Chegou finalmente o dia da pressão final, da derrota do ex-ditador. Carlos Lacerda e a UDN triunfam. A última coisa que ouvi nesse hemisfério da história, antes daquela sinistra linha divisória, foi a proposta de Carlos Lacerda para mudar-se o nome da avenida Presidente Vargas para Avenida Castro Alves. Depois, ninguém mais falou nisto.

Eu voltava da missa, num dia como os outros, quando ouvi, num balcão de botequim a primeira notícia: Getúlio matou-se! Sai dali correndo, sem saber o que pensar e até o que sentir. E agora era a nossa vez de perguntar o que iria resultar de tudo aquilo.

—oOo—

Ora, o que aconteceu foi nomearem o general Lott Ministro da Guerra, por indicação de Juarez Távora, em vista de seu comportamento exemplar, como atestavam os boletins da burocracia militar. A História, meus amigos, é uma sem vergonha, uma perdida. Ou se quiserem outra imagem direi que é pano tecido com a linha do acaso, embora a agulha procure obedecer a certas regras. Sim. Nos acontecimentos que se seguiram há uma parte racional, ordeira, institucional, como por exemplo, a colocação do vice-presidente no poder e o convite dirigido ao general Távora para dirigir a Casa Militar. Até aí vai a razão; até aí a regra. Onde começa a loucura da casualidade, o desvario da improbabilidade lotérica que entretanto sorteia um personagem e deixa outros com mãos vazias, é no convite que se faz ao general Lott e no absurdo, no cômico critério que o inspira. Seja como for, sai um homem da obscuridade, de repente, e entra no palco da História.

Contam que em seu primeiro discurso o novel ministro dirigiu ao Presidente Café Filho um agradecimento comovido. Durou pouco, porém, a gratidão do general. Juarez Távora pôde viver bastante para arrepende-se fartamente da recomendação que fizera e que se tornara irreversível. E aqui temos o homem, candidato, a rir-se não sei de quê nos postes, nas palmeiras, nos muros.

—oOo—

E' tão chocante a incapacidade própria do personagem antes de agosto de 1954, em confronto com o seu prestígio de hoje, que podemos dizer sem exagero que houve na nomeação indicada por Juarez uma espécie de erro de pessoa. Se se tratasse de casamento, creio que os tribunais eclesásticos considerariam com a devida atenção o equívoco e talvez reconhecessem a nulidade do ato. Mas o prestígio adquirido é um fenômeno mais irreversível do que o casamento indissolúvel. E aqui temos o homem, a rir-se de nós, e ainda por cima a nos dizer que sucessão é coisa séria.